

1

—

Tradução



# A ESCRAVA<sup>2</sup>

*Maria Firmina dos Reis*

**EM UM SALÃO ONDE SE ACHAVAM REUNIDAS MUITAS PESSOAS DISTINTAS E BEM COLOCADAS NA SOCIEDADE,** e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, {ela} recaiu sobre o elemento servil.

O assunto era, por sem dúvida, de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão.

— Admira-me — disse uma senhora, de sentimentos sinceramente abolicionistas —, faz-me até pasmar como se possa sentir e expressar sentimentos escravocratas no presente século, no século dezenove! A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem e falam bem alto, esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota [o Calvário] ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

Para que se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é e sempre será um grande mal. Dela, a decadência do comércio, porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro: o seu trabalho não é indenizado. Ainda dela nos vem o opróbrio [a desonra pública], a vergonha, porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres, por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se

---

<sup>1</sup> *Revista Maranhense*, ano 1, nº 3, novembro de 1887.

na frente de todos nós. Embalde [Inutilmente] procurará um dentre nós convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

E depois, o caráter que nos imprime e nos envergonha!

O escravo é olhado por todos como vítima — e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social?

O senhor é verdugo – e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles, mas este basta para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

— Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso.

Eu cismava embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras que se curvaram gemebundas, ao sopro do vento que gemia na costa.

E o Sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira.

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei!... mas sentia-me com disposições para o pranto.

De repente, uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo e em completo desalinho passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

Segui-a com a vista. Ela, espavorida e trêmula, deu volta em torno de uma grande moita de murta e, colando-se no chão, nela se ocultou.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo no lugar {em} que a vi ocultar-se.

Ela, muda e imóvel, ali ficou-se.

Eu então a mim mesma interroguei: Quem será a desditosa?

la procurá-la — coitada! Uma palavra de animação, um socorro, algum serviço, lembrei-me, poderia prestar-lhe. Ergui-me.

Mas no momento mesmo em que este pensamento, que acode a todo homem em idênticas circunstâncias, se me despertava, um homem apareceu no extremo oposto do caminho.

Era ele de uma cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros e anelados.

Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia brutalmente na mão direita um azorrague [açoite de várias correias trançadas] repugnante, e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

— Inferno! Maldição! — bradara ele, com voz rouca. — Onde estará ela? — E perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada.

— Tu me pagarás — resmungava ele. E, aproximando-se de mim:

— Não viu, minha senhora — interrogou com acento cuja dureza procurava reprimir — não viu por aqui passar uma negra que me fugiu das mãos ainda há pouco? Uma negra que se finge de doida... Tenho as calças rotas de correr atrás dela por estas brenhas. Já não tenho fôlego.

Aquele homem de aspecto feroz era o algoz daquela pobre vítima, compreendi com horror.

De pronto, tive um expediente.

— Vi-a — tornei-lhe, com a naturalidade que o caso exigia —; vi-a, e ela também me viu: corria em direção a este lugar, mas parecendo intimidar-se com minha presença, tomou direção oposta, volvendo-se repentinamente sobre seus passos. Por fim, a vi desaparecer, internando-se na espessura, muito além da senda que ali se abre.

E, dizendo isto, indiquei-lhe com um aceno a senda que ficava a mais de cem passos de distância, aquém do morro em que me achava.

Minhas palavras inexatas, o ardil de que me servi, visavam a fazê-lo retroceder: logrei meu intento.

Franziu o sobrolho, e sua fisionomia traiu a cólera que o assaltou. Mordeu os beiços e rugiu:

— Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te, mas deixa estar, eu te juro: será esta a derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco, e de lá foge!

Então perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada:

— Foge sempre?

— Sempre, minha senhora. Ao menor descuido, foge. Quer fazer acreditar que é doida.

— Doida! — exclamei involuntariamente, e com acento que traía os meus sentimentos.

Mas o homem do azorrague não pareceu reparar nisso, e continuou:

— Doida... doida fingida, caro te há de custar.

Acreditei-o [acreditei que fosse] o senhor daquela mísera, mas, empenhada em vê-lo desaparecer daquele lugar, disse-lhe:

— A noite se avizinha, e se a deixa ir mais longe, difícil lhe será encontrá-la.

— Tem razão, minha senhora, eu parto imediatamente — e, cumprimentando-me rudemente, retrocedeu correndo {para} a mesma estrada que lhe tinha maliciosamente indicado.

Exalei um suspiro de alívio ao vê-lo desaparecer na dobra do caminho.

O Sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralisado não agitava as franças [copas das árvores] dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante.

Ergui ao céu um voto de gratidão e lembrei-me que era tempo de procurar minha desditosa protegida.

Ergui-me cônica de que ninguém me observava, e acercava-me já da moita de murta quando um homem, rompendo a espessura, apareceu ofegante, trêmulo e desvairado.

Confesso que semelhante aparição causou-me um terror imenso. Lembrei-me dos criados, que eu tinha convocado a essa hora naquele lugar e que ainda não chegavam. Tive medo.

Parei instantemente e fixei-o. Apesar do terror que me havia inspirado, fixei-o resolutamente.

De repente, serenou o meu temor; olhei-o, e do medo passei à consideração, ao interesse.

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto, sua fisionomia era franca e agradável! O rosto negro e descarnado, seu juvenil aspecto aljofarado [orvalhado] de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora lânguidos pela comoção de angústia que se lhe pintava na fronte, ora desferindo luz errante e trêmula, agitada e incerta, traduzindo a excitação e o terror, tinham um quê de altamente interessante.

No fundo do coração daquele pobre rapaz devia haver rasgos de amor e generosidade.

Cruzamos, ele e eu, as vistas, e ambos recuamos espavoridos. Eu, pelo aspecto comovente e triste daquele infeliz, tão deserdado da sorte; ele, por que seria?

Isto teve a duração de um segundo apenas: recobrei ânimo em presença de tanta miséria e tanta humilhação, e este ânimo procurei de pronto transmitir-lhe.

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantaneamente, cruzou as mãos no peito e, com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender.

Aquele atitude comovedora despertou-me compaixão; apesar do medo que nos causa a presença de um calhambola [quilombola], aproximei-me dele e, com voz que bem compreendeu ser protetora e amiga, disse-lhe:

— Quem és, filho? O que procuras?

— Ah! Minha senhora — exclamou, erguendo os olhos ao céu —, eu procuro minha mãe, que correu nesta direção fugindo ao cruel feitor que a perseguia. Eu também agora sou um fugido, porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe, que além de ser doida está quase a morrer. Não sei se ele a encontrou e o que será dela. Ah! Minha mãe! É preciso que eu corra a ver se acho, antes que o feitor a encontre. Aquele homem é um tigre, minha senhora — é uma fera.

Ouvia-o sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

— Amanhã — continuou ele —, hei de ser castigado porque saí do serviço antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites, mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr, gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas onde está ela, onde estará ele?

— Escuta — tornei-lhe então —, tua mãe está salva. Salvou-a o acaso, e o feitor está agora bem longe daqui.

— Ah! Minha senhora, onde, onde está a minha mãe e quem a salvou?

— Segue-me — disse eu —, tua mãe está ali.

E apontei para a moita onde se refugiara.

— Minha mãe — sem receio de ser ouvido, exclamou o filho. — Minha mãe!...

Com efeito, ali, com a fronte reclinada sobre um tronco decepado e o corpo distendido no chão, dormia um sono agitado a infeliz foragida.

— Minha mãe — gritou-lhe ao ouvido, curvando os joelhos em terra, tomando-a nos seus braços. — Minha mãe... sou Gabriel...

A esta exclamação de pungente angústia, a mísera pareceu despertar.

Olhou-o fixamente, mas não articulou um som.

— Ah! — redarguiu Gabriel. — Ah! Minha senhora! Minha mãe morre!

Concheguei-me àquele grupo interessante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito, era tempo. Ela era presa de um ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro.

— Não, ela não morre deste ataque, mas é preciso prestar-lhe pronto socorro — disse-lhe.

— Diga, minha senhora — tornou o rapaz na mais pungente ansiedade —, que devo fazer? Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor, mas não quero, não posso ver minha mãe morrer aqui, sem socorro algum.

— Sossega — disse-lhe, vendo assomar ao morro, de onde observam tudo que acabo de narrar, os meus criados que me procuravam. — Espera — disse-lhe —, vou fazer transportar a tua mãe à minha casa e lhe farei tornar à vida.

— Diga, minha senhora, ordene.

— Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.

— Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?

— Tu e estes homens — os criados acabavam de chegar — vão transportá-la imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la.

— Oh! Minha senhora, que bondade! — Foi só o que disse e, ato contínuo, tomou nos braços a pobre mãe, ainda entregue ao seu dorido paroxismo, e disse:

— Minha senhora, eu só, levaria minha mãe ao fim do mundo.

Senti-me tocada de veneração em presença daquele amor filial, tão singelamente manifestado.

— Sigamos então — tornei eu.

Gabriel caminhava tão apressadamente que eu mal podia acompanhá-lo.

Em menos de quinze minutos transpúnhamos o umbral da casinha que há dois dias apenas eu habitava.

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: recebia em meu lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor. Era expor-me à vindita [punição] da lei, mas em primeiro lugar {vinha} o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

Sim, a vindita da lei; lei que, infelizmente, ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo e execrando de oprimir o fraco.



Mas deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade tinham sossego ou tranquilidade! Não.

Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever.

Fiz deitar a moribunda em uma cama, fiz abrir as portas todas para que a ventilação se fizesse livre e boa, e prestei-lhe os serviços que o casourgia, e com tanta vantagem que em pouco recuperou os sentidos.

Olhou em torno de si, como que espantada do que via, e tornou a fechar os olhos.

— Minha mãe!... minha mãe — de novo exclamou o filho.

Ao som daquela voz chorosa e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços e, com voz débil, murmurou:

— Carlos!... Urbano...

— Não, minha mãe, sou Gabriel.

— Gabriel — tornou ela, com voz estridente. — É noite, e eles, para onde foram?

— De quem ela fala? — interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

— É doida, minha senhora. Fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoideceu.

— Horror! — exclamei com indignação e dor. — Pobre mãe!

— Só lhe resto eu — continuou, soluçando —, só eu... só eu!...

Entretanto, a enferma pouco e pouco recobrava as forças, a vida e a razão. Fenômenos da morte, por assim dizer: é luta imponente, embora, da natureza, com o extermínio.

— Gabriel? Gabriel, és tu?

É noite. Eu morro... E o serviço? E o feitor?

— Estás em segurança, pobre mulher, disse-lhe. — Tu e teu filho estão sob a minha proteção. Descansa, aqui ninguém lhes tocará com um dedo.

Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província e da do Rio de Janeiro. Expedi de pronto um próprio [mensageiro] à capital.

Então ela fixou-me, e em seus olhos brilhou a lucidez, esperança e gratidão.

Sorriu-se e murmurou.

— Inda há neste mundo quem se compadeça de um escravo?

— Há muita alma compassiva — retorqui-lhe — que se condói do sofrimento de seu irmão.

Naquela hora quase suprema, a infeliz exclamou com voz distinta.

— Não sabe, minha senhora, eu morro sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano...

Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... Meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... este que também é escravo!...

E os soluços da mãe confundiram-se por muito tempo com os soluços do filho.

Era uma cena tocante e lastimosa, que despedaçava o coração.

Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata! Cheguei-lhe aos lábios o calmante, que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

— Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é pra mim e para meu filho? Nunca encontrei em vida um branco que se compadecesse de mim; creio que Deus me perdoa os meus pecados e que já começo a ver seus anjos.

— E quem é esse senhor tão mau, esse senhor que te mata?

— Então, minha senhora, não conhece o senhor Tavares, do Cajuí?

— Não — tornei-lhe com convicção. — Estou aqui apenas há dois dias, tudo me é estranho; não o conheço. É bom que colha algumas informações dele, Gabriel as dará.

— Gabriel! —disse ela —, não. Eu mesma. Ainda posso falar.

E começou:

— Minha mãe era africana, meu pai de raça índia, mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

Eram casados, e desse matrimônio nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente à minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas, mas, ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício.

Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se — tinha eu cinco anos — e disse: A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado.

Custou a ir à cidade; quando foi, demorou-se algumas semanas, e quando chegou entregou a meu pai uma folha de papel escrita, dizendo-lhe:

— Toma e guarda com cuidado: é a carta de liberdade de Joana.

Meu pai não sabia ler; de agradecido beijou as mãos daquela fera. Abraçou-me, chorou de alegria e guardou a suposta carta de liberdade.

Então, furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo mulato, e a viver com alguma liberdade.

Isto durou dois anos. Meu pai morreu de repente, e no dia imediato meu senhor disse à minha mãe.

— Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia.

Minha mãe, surpresa e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra.

Nunca a meu pai passou pela ideia que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude, nunca deu a ler a ninguém, mas minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel e deu-o a ler àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito e caiu estrebuchando.

Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus.

Fiquei só no mundo, entregue ao rigor do cativo.

Aqui ela interrompeu-se; agitou-lhe os membros um tremor convulso. A morte fazia os seus progressos. De novo cheguei-lhe aos lábios a colher do calmante, que lhe aplicava, e pedi-lhe não revocasse lembranças dolorosas que a podiam matar.

— Ah! Minha senhora — começou de novo, mais reanimada —, apadrinhe Gabriel, meu filho, ou esconda-o no fundo da terra. Olhe, se ele for preso morrerá debaixo do açoite como tantos outros que meu senhor tem feito expirar debaixo do azorrague! Meu filho acabará assim.

— Não, não há de acabar assim: descansa. Teu filho está sob minha proteção, e qualquer que seja a atitude que possa assumir esse homem, que é teu senhor, Gabriel não voltará mais ao seu poder.

Ela se recolheu por algum tempo; depois, tomando-me as mãos, beijou-as com reconhecimento.

— Ah! Se pudesse nesta hora extrema ver meus pobres filhos, Carlos e Urbano...! Nunca mais os verei.

Tinham oito anos.

Um homem apeou-se à porta do engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos: era um traficante de carne humana. Ente abjeto e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente.

Esse homem trocou ligeiras palavras com o meu senhor e saiu.

Eu tinha o coração oprimido, pressentia uma nova desgraça.

À hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvei ao longe {um} rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante... Corri para meus filhos que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor. Acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia chamando-me: Mamãe! Mamãe!

Ah! minha senhora! — abriu os olhos. — Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado, meu senhor, o feitor e o infame traficante.

Ele e o feitor arrastavam, sem coração, os filhos que se abraçavam à sua mãe.

Gabriel entrava nesse momento.

— Basta, minha mãe — disse-lhe, vendo em seu rosto debuxados [esboçados] todos os sintomas de uma morte próxima.

— Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos.

— Por Deus, por Deus—, gritei eu, tornando a mim —, por Deus, levem-me com meus filhos!

— Cala-te! — gritou meu feroz senhor. — Cala-te ou te farei calar.

— Por Deus—, tornei eu de joelhos, e, tomando as mãos do cruel traficante —: Meus filhos!... meus filhos!

Mas ele, dando um mais forte empuxão e ameaçando-os com o chicote que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar...

Aqui a mísera calou-se. Eu respeitei o seu silêncio que era doloroso, {até} quando lhe ouvi um arranco profundo e magoado.

Curvei-me sobre ela. Gabriel ajoelhou-se e, juntos, exclamamos:

— Morta!

Com efeito, tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para suas débeis forças.

A lua percorria melancólica e solitária os páramos do céu e cortava com uma fita de prata as vagas do oceano.

No mesmo instante, um homem assomou à porta. Era o homem do azorrague que eles intitulavam de feitor; era aquele homem de fisionomia sinistra e terrível que me interpelara algumas horas antes acerca da infeliz foragida, e este homem aparecia agora mais hediondo ainda, seguido de dois negros que, como ele, pararam à porta.

— Que pretende o senhor? — perguntei-lhe. — Pode entrar.

O pobre Gabriel refugiou-se, trêmulo, ao canto mais escuro da casa.

— Anda, Gabriel — disse-lhe com voz segura —, continua a tua obra. — E, voltando-me para o feitor, acrescentei. — Eu e este desolado filho ocupamo-nos em cerrar os olhos à infeliz, a quem o cativo e o martírio despenharam tão depressa na sepultura.

Comovidos em presença da morte, os dois escravos deixaram pender a fronte no peito. O próprio feitor, ao primeiro ímpeto, teve um impulso de homem, mas, recompondo de pronto a rude e feroz fisionomia, disse-me:

— É hoje a segunda vez que a encontro, minha senhora, entretanto, não sei ainda a quem falo. Peço-lhe que me diga seu nome para que eu conheça [informe] o patrão, o senhor Tavares. É escandaloso, minha senhora, a proteção que dá a estes escravos fugidos.

Estas palavras inconvenientes mereceram o meu desdém; não lhe retorqui.

O meu silêncio lhe deu maior coragem, e, fazendo-se insolente, continuou:

— A senhora coadjuvou a mãe em sua fuga; acabou aqui, mais tarde saberemos de quê. Pretenderá também coadjuvar o filho?

É já o que havemos de ver?...

João, Félix!

E com um aceno indicou-lhes o que deviam fazer.

Gabriel, que ao meu chamado voltara para junto do cadáver de sua mãe, sentindo que o vinham prender, levantou-se espavorido sem saber o que fazer.

— Detém-te! — gritei-lhe eu. — Estás sob a minha imediata proteção. — E, voltando-me para o homem do azorrague, disse-lhe:

Insolente! Nem mais uma palavra. Vai-te, diz a teu amo, miserável instrumento de um escravocrata, diz a ele que uma senhora recebeu em sua casa uma mísera escrava, louca porque lhe arrancaram dos braços dois filhos menores e os venderam para o Sul; uma escrava moribunda, mas ainda assim perseguida por seus implacáveis algozes.

Vai-te e entrega este cartão: aí achará meu nome.

Vai, e que nunca mais nos tornemos a ver.

Ele mordeu os beiços para tragar o insulto e desapareceu.

No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta da minha casinha vi apear-se um homem. Era o senhor Tavares.

Cumprimentou-me com maneira da alta sociedade e disse-me:

— Desculpe-me, querida senhora, se me apresento em sua casa tão brusca e desazadamente [importunamente]; entretanto...

— Sem cerimônia, senhor — disse-lhe —, procurando abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam. — Sei o motivo que aqui o trouxe e podemos, se quiser, encetar já o assunto.

Custava-me, confesso, estar por longo tempo em comunicação com aquele homem, que encarava sua vítima sem consciência, sem horror.

— Peço-lhe mil desculpas se a vim incomodar.

— Pelo contrário — retorqui-lhe. — O senhor poupou-me o trabalho de o ir procurar.

— Sei que esta negra está morta — exclamou ele —, e o filho acha-se aqui: tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra — continuou, olhando fixamente para o cadáver —, esta negra era alguma coisa monomaniáca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. O Antônio, meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procurá-la. Porém, minha senhora, este negro! — designava o pobre Gabriel —, com este negro a coisa muda de figura. Minha querida senhora, este negro está fugido: espero que o entregará, pois sou o legítimo senhor e quero corrigi-lo.

— Pelo amor de Deus, minha mãe — gritou Gabriel, completamente desorientado —, minha mãe, leva-me consigo.

— Tranquiliza-te — tornei-lhe com calma —, não te hei já dito que te achas sob a minha proteção? Não tem confiança em mim?

Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato, e depois perguntou-me:

— Que significam essas palavras, minha querida senhora? Não a compreendo.

— Vai compreender-me — retorqui, apresentando-lhe um volume de papéis subscritos e competentemente selados.

Rasgou o subscrito e leu-os. Nunca em sua vida tinha sofrido tão extraordinária contrariedade.

— Sim, minha cara senhora — redarguiu, terminando a leitura. — O direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...

A lei retrogradou. Hoje protege-se escandalosamente o escravo contra seu senhor; hoje, qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos: Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano — haja ou não aprovação do seu senhor.

Não acham isso interessante?

— Desculpe-me, senhor Tavares — disse-lhe. — Em conclusão, apresento-lhe um cadáver e um homem livre.

Gabriel ergue a fronte, Gabriel és livre!

O senhor Tavares cumprimentou e retrocedeu no seu feroso alazão, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre.





# THE SLAVE WOMAN

Tradução de Cristina Ferreira Pinto-Bailey<sup>1</sup>

*Tradução do conto A escrava (1887), de Maria Firmina dos Reis, para a língua inglesa. por: **Cristina Ferreira Pinto-Bailey** – Ph.D. em literaturas latino-americanas pela Tulane University; Professora de espanhol e português na Washington and Lee University, onde atualmente ensina o curso Direitos Humanos na América Latina: raízes históricas e problemas contemporâneos; Seu trabalho de pesquisa e crítica foca questões de gênero e raça na poesia e ficção de escritoras latino-americanas modernas e contemporâneas; Tem inúmeros ensaios publicados em revistas acadêmicas, tais como Symposium: A Quarterly Journal in Modern Literatures, Romance Notes, e Afro-Hispanic Review; Traduziu poesia e ficção de autores como Carlos Drummond de Andrade, Marina Colasanti, Sonia Coutinho e Ignácio de Loyola Brandão; Entre seus livros encontram-se Ficção e política, da ditadura civil-militar à crise da democracia no século XXI (co-organização e introdução com Regina Zilberman, número especial de Revista Iberoamericana, 2020); Contemporary Brazilian Literature (organização e introdução; número especial de Romance Quarterly, 2016); Os homens e outras mentiras (poesia; 2010); Clarice Lispector. Novos aportes críticos (co-organização e introdução com Regina Zilberman, 2007); Gender, Discourse and Desire in Twentieth-Century Brazilian Women's Literature (2004); Poemas da vida meia (poesia; 2002); Urban Voices: Contemporary Short Stories from Brazil (1999).  
Email [cristinalexbrasil@gmail.com](mailto:cristinalexbrasil@gmail.com)*

**A GROUP OF DISTINGUISHED, WELL REGARDED MEMBERS OF SOCIETY WAS GATHERED TOGETHER IN A SALON.**

They had been discussing a wide range of topics when the conversation turned to the topic of servants, undoubtedly an issue of great importance. Everyone had joined the conversation, but the opinions varied widely and a discussion ensued.

It amazes me, *said a woman of strong abolitionist beliefs*, it shocks me really, that anyone still shares and expresses openly pro-slavery ideas in the current century, the nineteenth century! Nonetheless, religious and civic morals will rise to confront this Hydra, a monster that poisons our families in their holiest sanctuary, demoralizes and debases our nation!

Raise your eyes towards Golgotha, or look around at society and tell me, why did the Son of Man give Himself up in sacrifice? For what purpose did He draw His last breath? Ah!

---

<sup>1</sup> Publicado em *Afro-Hispanic Review* 32.1 (2013).

Didn't He shed His blood to ransom all of humankind? Is the belief that His blood bought us our freedom just an abominable lie?! Look at our society now... Don't you recognize the vulture incessantly tearing at it? Don't you sense the cancerous corruption that is destroying it?

No matter how we look at it, slavery is and has always been a great evil. It is the reason for the declining commercial trade because commerce and agriculture grow together, and slaves cannot make agriculture flourish, for they do forced labor. They work for no pay and thus see no future. Our ignominy and shame will be born from slavery, and we won't be able to face the free nations with our heads held high and a clear consciousness. The stigma of the mixing of races, which slavery has imprinted on our foreheads, is to blame. It would be futile for anyone of us to try to convince a foreigner that not one drop of slave blood runs in our veins. Besides, think of the shameful values that have been instilled in us! Everyone sees slaves as victims—which they are indeed. As for the slave owner, what does the public opinion think of him? The slave owner has the reputation of being the executioner, and that label is repulsive.

If you care to listen to me, I will narrate an event that happened recently. I could tell you numerous similar events, but one suffices to prove what I have just said regarding the executioner and his victim.

It was an August afternoon, as beautiful as the female ideal, as poetic as a virgin's sigh, as melancholically gentle as the distant chords of a mysterious lute. Enthralled, I observed the beautiful tall palm trees moaning and bending under the howling gusts of the coastal wind. The sun, casting its colorful rays, soon began to set. I am not sure what feelings troubled me then, but I felt inclined to cry and didn't know why.

Suddenly, painful, anguished cries echoed in my ears, and a completely disheveled, sobbing woman ran by in front of me and disappeared like a shadow. My eyes followed her. Trembling and scared, she went around a large myrtle shrub and, crawling on the ground, hid behind it.

The woman's appearance surprised me, and I remained staring at the place where she had hidden. She must have been deeply anguished, for she cried desperately, and her sorrowful moaning and sobbing disrupted my solitude. It seemed that she was running away from someone. After a while she went silent and still. I asked myself, who could that miserable woman be? Poor thing! I thought I might offer her some help, some assistance

or a word of encouragement, an idea that would have occurred to anyone else in the same situation.

As I got up to go talk to her, a man appeared at the end of the road. He was tall, brown-skinned, with wide shoulders and black, curly hair. He was sinister looking, and menacingly held in his right hand a repulsive whip, while a thin hemp rope hung from his left hand.

"Damn hell!" He shouted in a coarse voice. "Where is she?" He looked around the trees along both sides of the road, mumbling, "You'll pay for this!" Then, approaching me, he asked emphatically, "My lady, haven't you seen..."

The man tried to repress his anger and continued, "Haven't you seen a black woman go by? She's just escaped from my hands a little while ago. A black woman pretending to be crazy... I've ripped my pants chasing her through these woods. I'm already out of breath."

Horrified, I realized that vicious-looking man was the poor woman's tormenter, and immediately had an idea. "Yes, I saw her," I replied as casually as possible given the situation. "I saw her, and she also saw me. She was running over here but apparently was intimidated by my presence. She turned around suddenly and went in the opposite direction. I saw her disappear as she entered the thicket beyond the path over there," I said, pointing to the path one hundred feet away from the hill where we stood.

My misleading words were a ruse meant to make him go back the way he had come, and I succeeded. He frowned, biting his lips, and his face betrayed his rage. "Damn negro!" he roared. "I'm breathless, exhausted from running all over these roads and woods, looking for that lazy woman... Well! I'll find you, don't worry! I swear, this's the last time you bother me. She was on the whipping post... on the post, and still she runs away!"

Showing total indifference for the poor woman's fate, I asked, "Does she run away all the time?"

"All the time, ma'am. She escapes when we least expect it. She wants us to believe she's crazy."

"Crazy!" I exclaimed inadvertently, in a tone of voice that betrayed my feelings. The man with the whip didn't seem to notice and continued, "Crazy... You deceitful, crazy woman, you're going to pay for this."

I thought he was the slave owner, but wanting him to leave, I said "Night is coming, and if you let her go any farther it will be hard to find her."

"You're right, ma'am. I'll leave immediately." Nodding curtly, he ran down the way I had deliberately showed him. I sighed in relief seeing him disappear at the bend of the road.

The sun was about to go down behind the grey ridge of the horizon. The fringes of the old trees sat quietly in the still air and everything was silent, except for the sea moaning far away from the coast like a dying person's monotonous breathing.

Certain that nobody was watching me, I approached the myrtle shrub when a breathless, agitated man appeared out of the darkness, trembling. I must admit that his sudden appearance frightened me terribly. I thought of my servants, whom I had instructed to meet me there at that time but who hadn't come yet. Despite my fear, I stopped and stared at him. I stared at him resolutely, pretending to not be afraid!

As I looked at him, my terror subsided and my fear turned into sympathy. It was almost an affront to all sense of decency to look at that poor man, whose half-naked body was covered with fresh scars. Yet, his demeanor was sincere and pleasant. His youthful, black face was emaciated, his brow was covered in abundant sweat, and his arms limp with exhaustion. The emotion on his worried face darkened his slanted eyes, which at the same time gleamed with a wandering, agitated, unsteady light. He certainly caught my attention, as I recognized love and generosity deep inside that poor young man's heart.

We looked at each other and, startled, turned away immediately. I was shocked because of the miserable, dejected man's touching and sad demeanor while he—who knows why?

Our discomfort lasted only briefly, for I soon collected myself in the face of such humble misery and tried to reassure the poor black man. Realizing that I wasn't hostile but rather could perhaps lessen the burden of his fate, he stopped at once. Then he crossed his hands over his chest and whispered pleadingly some words I couldn't understand.

His humble attitude stirred pity in me. I walked toward him despite the fear the presence of a runaway slave produces in us, and asked in a caring tone of voice he understood to be friendly, "Who are you, my son? What are you looking for?"

"Oh, my lady!" he exclaimed, looking at the sky, "I'm looking for my mother who ran in this direction, escaping from the foreman who was after her. Now I am a runaway slave too, for an hour ago I abandoned my work to look for my mother, who's not only insane, but also ill. I don't know if he's found her, or what's going to happen to her. Oh, my mother! I need to be quick, to try to find her before the foreman does. Ma'am, that man's a tiger, a cruel beast."

I listened without interrupting him, such was my concern for that miserable slave.

"Tomorrow," he continued, "I'll be punished, whipped three hundred times, because I left my work before six o'clock. But my mother will die if he finds her. Poor woman! She

worked so hard, to the point of exhaustion, but the foreman whipped her and forced her to keep working. She ran away screaming, and he chased her. I ran too, ran all the way here because they both came this way. But I wonder where she went. And where is he?"

"Listen," I replied, "your mother is safe, saved by chance, and the foreman is now very far away from here."

"Ah! Where is she, ma'am? Where's my mother, and who saved her?"

"Follow me," I said as I pointed to the myrtle shrub where she was hiding, "Your mother is over there."

"Mother!" he screamed, unafraid someone might hear him. "My mother!"

Indeed, there was the poor fugitive lying on the ground, her brow resting on a dead trunk in a restless sleep.

"Mother," he whispered in her ears, kneeling on the ground and taking her in his arms. "Mother, it's me, Gabriel..." The doleful sound of his anguished voice woke up the miserable woman. She stared at him but didn't utter a sound.

"Oh!" Gabriel exclaimed, "Ma'am! My mother's dying!"

Concerned, I approached them intending to offer some help and arrived just in time, for she was having a convulsion. Then she became still, looking as if she was about to breathe her last.

"No, she isn't going to die, but we need to get her medical help right away," I said.

The young man pleaded worriedly, "Tell me what to do, ma'am. I may be severely punished when I go back to the plantation but I can't see my mother die here, with no one to help her."

"Stay calm," I said, as I saw my servants, who had been looking for me, up on the hill watching everything. "Wait. I will have your mother taken to my house where I can revive her."

"Whatever you say, ma'am. I'll obey."

"I don't live far from here. Do you know the distance from here to the beach? I live by the salty springs."

"Yes, ma'am, I do, it's very close. What should I do?"

When my servants approached, I told him, "You and these men will carry her right away to my home, and I will try to revive her there."

"Oh, my lady! How good you are!" Although his mother was still overcome by severe tremors, he took her in his arms. Then he said, "My lady, I could carry my mother by myself to the end of the world."

I felt deeply moved by the filial love he expressed so candidly. "Let's go then," I replied. Gabriel walked so fast I could barely keep up. In less than fifteen minutes we crossed the threshold of the small house where I had lived for only two days.

I was well aware of the gravity of what I had just done: I was sheltering in my house two fugitive slaves whose owner could very well be a powerful man, thus exposing myself to legal sanctions. But my sense of duty was more important, and my duty was to help those poor people.

Yes, sanctions dictated by a law that unfortunately continues to be enforced today and that gives the most powerful in society the right to oppress viciously and cowardly those who are weaker.

But how could I not help those whom society abandons and persecutes? Those wretched people don't have one minute of peace or tranquility, not even in their final agony or when they cross heaven's portentous gates! I had to help, and was resolved to bear the responsibility of my decision, for humanity demanded that sacred duty from me.

I made the dying woman lie in bed, had all doors opened so the fresh air would circulate freely, and gave her the assistance she needed. Luckily, she soon came to and looked around as if surprised by what she saw. Then she closed her eyes again.

"Mother, mother!" her son exclaimed.

Recognizing his tearful but beloved voice, she raised her head, extended her arms, and whispered softly, "Carlos... Urbano..."

"No, Mom, it's me, Gabriel."

"Gabriel," she repeated in a shrill voice. "It's dark, where did they go?"

"Whom is she talking about?" I asked Gabriel, who wiped his tears on the bed cover.

"Her mind isn't right, my lady. She's talking of my brothers, Carlos and Urbano, who my master sold to someone in Rio de Janeiro when they were eight years old. She's been insane since that day."

"That's awful!" I exclaimed indignantly. "How sad, this poor mother!"<sup>2</sup> He went on sobbing, "I'm the only son she has left, the only one!" Meanwhile, the sick woman was

---

<sup>2</sup> The original reads "pobre mãe" or "poor mother," rather than "your poor mother," a choice in line with the author's intention to represent slaves as any human being, with others feelings, ideas, affections, family relations, and so on. By referring to the character as a "poor mother," the author highlights Gabriel's mother's commonality with white women (Translator's note).

slowly recovering her senses and reasoning. It was a matter of life and death, if I may say so, the great battle between nature and extinction.

"Gabriel? Gabriel, is that you? It's night. I'm dying... And I still must finish my tasks! Where's the foreman?"

"You are safe here, my good woman," I told her. "Don't worry, you and your son are under my protection, and no one will lay a finger on you here."

As many of you probably know, I was already a member of the abolitionist society in my province and of another one in Rio de Janeiro, so I had sent a messenger quickly to the capital.

At that moment, the slave woman stared at me, and a gleam of understanding, hope and gratitude lit her eyes. Smiling, she whispered, "Is there someone in this world who still has pity on a slave?"

"There are many good souls who feel sorry for their brothers' suffering," I replied.

At that darkest hour, the miserable woman spoke sadly but in a clear voice, "You have no idea, ma'am, I'm going to die without seeing my children! My master has sold them... they were so small... my twins, Carlos and Urbano... My eyes are failing... Death is coming for me. I'm not sorry I'm dying, I'm sorry to leave my children... My poor children! My sons who were taken away from my arms... And this one is also a slave!"

She cried for a long time, and the son's sobbing echoed his mother's. It was a sadly moving scene that broke my heart. Ah! May oppression be damned! Damned be slavery!

I brought a soothing tonic to her lips and told Gabriel to get something to eat. I wanted to separate them.

"Who are you, my lady, so good to me and my son? I've never met in my life a white person who felt sorry for me. I think God has forgiven my sins, and I'm already seeing His angels."

"And who is the cruel man who was going to kill you?"

"Ma'am, don't you know Mr. Tavares from Cajuí?"

"No," I answered firmly. "I moved here only two days ago. Everything is new to me. I don't know this man, but would like to have some information on him. I will ask Gabriel."

"Gabriel... No, I can talk. I'll tell everything to you myself. My mother was from Africa, my father was of an indigenous race, and I'm brown. I was free but my mother was a slave. They were married, and I was born from their matrimony. To alleviate the punishments that her cruel master imposed on her daily, my father spent most of his days helping my

mother in her endless tasks. At the same time, working double time he managed to save some money to use on my behalf.

“One day, when I was five years old, he went to see my master and presented him with all the money he’d saved, saying he wanted to buy my emancipation. My master smiled, took the money, and told my father not to worry because the next time he went to town he’d bring my letter of manumission.

“A long time went by before my master finally went to town. He spent several weeks there and when he returned, he handed my father a written piece of paper, saying, ‘Here it is, Joana’s letter of manumission. Keep it in a safe place.’ My father couldn’t read but kissed the man’s hands in gratitude. He was so happy that he cried and hugged me before putting away the letter that supposedly declared I was free.

“I began to spend my days a little more freely and, without anyone’s knowledge, to learn how to read with a mulatto slave. That lasted two years, until my father died suddenly. That same day my master told my mother, ‘Joana must start working right away. She’s seven years old already, and I won’t tolerate a lazy slave.’ Surprised and confused, my mother obeyed without a word.

“My father had never asked anyone to read my presumed letter of manumission because it never crossed his mind that it could be false. But hearing my master’s strict order, my mother took the letter to the slave who gave me lessons and asked him to read it. The letter contained only several meaningless words, with no signature and no date! I too read the paper the other slave had dropped. My mother screamed and fell to the ground shaking. She was overcome with a fever and hallucinations, and three days later was at God’s side, leaving me alone in the world, subject to the cruelty of captivity.”

At this point the slave woman paused, and a spasm shook her arms as death seemed to be approaching. I made her take another spoonful of the medicine I had given her before and advised her to forget such painful memories, for they could kill her.

Feeling better, she said, “My lady, please help my son Gabriel or hide him in the depths of the earth. If he’s caught, he’ll die under the lash like many others my master has killed with his whip! My son will have the same fate.”

“Don’t worry, he won’t die. Your son is under my protection, and no matter what charges your master may allege, Gabriel won’t go back to his possession.”

She was quiet for some time, then took my hands and kissed them in gratitude.

“Ah! If I could see my poor children Carlos and Urbano at this final hour of my life! I’ll never see them again! They were eight years old then. A man, who trafficked in human



bodies, dismounted at the door of the plantation house where my two poor sons worked together. What a heartless, abject creature he was! He wasn't moved by the sight of a mother's tears or the sobs of the innocent! He exchanged some brief words with my master and left as my heart sank, for I sensed a disgrace was about to happen.

"When it was time for us to rest, I snuggled with my two exhausted boys who fell asleep quickly. I heard a noise outside, like voices of men talking, and pricked up my ears as the voices grew louder. I recognized my master's voice and, thinking of the slave trader, felt my heart beat faster and ran to my children's bed. I remember holding them tight against my heart, then a buzz ringing in my ears and everything went dark.

"I fainted, and don't know how long I was like that, but woke up with my poor children screaming, pulling at my skirt and crying, 'Mom! Mom!'"

She opened her eyes, "Ah, my lady! What a scene! They'd opened the door to my humble house and my master, the foreman and that evil slave trader walked in. He and the foreman dragged my children away mercilessly."

Gabriel arrived at that moment. Seeing in her distraught face the signs of her approaching death, he said, "Enough, mother."

"Let me finish before death seals my lips forever, son... let me die cursing my tormentors."

"As soon as I regained my consciousness, I screamed, 'For God's sake, for God's sake, let me go with my children!' But my master shouted harshly, 'Shut up! Shut up or I'll make you!' I fell to my knees, held the hands of the cruel trafficker and pleaded again, 'My children!... My children!' But he pushed them violently, and threatening them with a whip had them taken away..."

The miserable woman went quiet, and I respected her sorrowful silence. Then, suddenly, I heard her pant heavily, with difficulty. As I leaned over her, Gabriel knelt. "She's dead!" we cried at the same time. The effort had been too much for her feeble condition, and she finally stopped suffering.

A melancholy, lonely moon crossed the sky, slicing the sea waves with its silver band. At that very moment, a man appeared at the door. It was the man who Gabriel and his mother had called the foreman, the same sinister, menacing-looking man who, carrying a whip, had asked me a few hours earlier about the poor woman who had escaped. The man looked even more hateful as he headed to my house, followed by two black men who stopped at the door.

"You may come in. What do you want?" I asked him.

Trembling, poor Gabriel hid in the darkest corner of the room. "Go on, Gabriel," I told him firmly, "continue what you were doing." Turning to the foreman, I added, "This inconsolable young man and I are about to close the eyes of that poor woman, who was sent to her tomb way too early because of her captivity and the torments she suffered."

Moved by the presence of death, the two slaves lowered their heads, and even the foreman's first impulse was to react in a humane way. But he soon recovered his rude, violent attitude, saying, "This's the second time I meet you today, ma'am, but I still don't know whom I'm talking to. I ask that you please tell me your name, so that I may inform my boss, Mr. Tavares. The protection you're giving these runaway slaves is outrageous, ma'am."

"I listened to his impertinent words disdainfully and didn't reply. My silence encouraged him, for he continued to talk bluntly, "You helped the mother in her escape, and she died here, soon we'll know from what. Do you intend to help the son as well? We'll see about that! João, Félix!" he called the two slaves, motioning to them.

Gabriel, who had returned to where his mother's body lay, realized they were coming to get him and stood up afraid, not knowing what to do.

"Stop!" I instructed him. "You are under my protection now." Turning to the man with the whip, I scolded him, "How dare you! Not another word. You, pitiful lackey of a slave master, go and tell him that a woman has sheltered in her home a poor slave, who went crazy because her two small children were snatched away from her arms and sold in the South. This slave woman was dying, and yet her tormentors continued to persecute her. Go and hand him this note. You will find my name in it. Go, and I hope never to see you again."

Biting his lip, he swallowed my insults and left.

In the afternoon of the next day, when poor Joana's funeral procession was about to leave, a different man appeared at my door: it was Mr. Tavares. He greeted me with aristocratic good manners saying, "Forgive me, dear lady, if I show up at your house so abruptly and without a proper introduction. However..."

"Let's not dwell on niceties, sir," I told him, trying to abbreviate his formalities that bothered me so much. "I know the reason that has brought you here, and if you would like, we can discuss it right now."

I confess that it was hard for me to spend any time at all talking to him, a man who could look his victim in the eyes without any horror or regret.

"I apologize if I bother you."

"Quite the opposite," I replied. "You have spared me the trouble of having to seek you out."

"I know the black woman is dead and that her son is here, as you were kind enough to inform me yesterday," he said. Staring at her body, he continued, "That black woman was somewhat of a maniac. She spent her life running away, always afraid of everything. She was good for nothing, so her death doesn't concern me. My foreman, Antonio, who is an excellent and dedicated worker, is the one who is tired of going out looking for her. However, it is a different story with that black man," and he pointed to Gabriel. "My dear lady, that black man is a runaway slave, and I trust you will turn him in to me, for I am his legitimate owner and intend to punish him."

"For the love of God, mother, take me with you!" Gabriel shouted, completely shocked.

"Stay calm," I turned to him composedly. "Haven't I told you already you are under my protection? Don't you trust me?"

Mr. Tavares now stared at me surprised, "What do you mean, my dear lady? I don't understand."

"You will," I answered as I handed him a bundle of papers, duly signed and sealed. He tore the envelope open and read. Never in his life had he suffered such great vexation.

"So it is, my dear lady," he said as he finished reading. "The right of ownership that had been legally conferred upon our grandfathers, is nothing but a joke these days... The law has degenerated. Disgracefully, it today protects the slave against his master. Now anyone can tell a judge at the orphans' court, 'In exchange for this amount of money I demand the emancipation of such and such a slave,' and it doesn't matter if his owner agrees or not. Isn't it interesting?"

"I am sorry, Mr. Tavares," I said. "In short, there you have it, a corpse and a free man. Gabriel, raise your head, you are free!"

Mr. Tavares bid me farewell and left on his elegant horse, surely feeling more furious than a tiger.